

DO ESPAÇO EM BRANCO NO PERCURSO DA CONSTRUÇÃO DA ESCRITA DE SUJEITOS TÍPICOS E ATÍPICOS – HABILIDADES E PRÁTICAS REQUERIDAS EM SALA DE AULA

*ABOUT THE BLANK SPACE IN THE PATH TO THE CONSTRUCTION
OF TYPICAL AND ATYPICAL SUBJECTS IN WRITING – ABILITIES
AND PRACTICES REQUIRED IN CLASSROOM*

Maria Cecilia Mollica¹

Andreia Quadrio²

Hadinei Ribeiro Batista³

RESUMO: Este texto trata de mecanismos pedagógicos atualizados para se trabalhar as hipossegmentações (doravante HIPO), que são processos previsíveis na ontogênese da escrita. No início, o aprendiz precisa conhecer que os espaços em branco têm uma funcionalidade e que não há biunivocidade entre o processamento da fala e o sistema grafemático. Ao aludir à pesquisa de Quadrio (2016), comprova-se que a HIPO ocorre sensivelmente mais em sujeitos de desenvolvimento atípicos em comparação aos típicos. A amostra é extraída de material escolar, como exercícios e provas, de uma escola municipal de Petrópolis, cujos dados receberam tratamento qualitativo e quantitativo. Os resultados comprovam que as dificuldades podem perdurar em todos os estágios de ensino se não há uma prática dirigida. Várias são as propostas de intervenção para introduzir, em sala de aula, uma nova pedagogia que respeite as singularidades dos sujeitos na nova Escola Inclusiva, com base em consciência fonológica fundamentalmente. Defende-se que, na ausência de orientações pedagógicas, dificilmente os obstáculos dos aprendizes podem ser sanados, colocando-se em risco a escola contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Hipossegmentação, Ensino, sujeitos típicos e atípicos.

ABSTRACT: This text deals with pedagogical mechanisms updated to work with the hypossegmentations (henceforth HYPO), which are predictable processes in writing ontogenesis. At the

- 1 Professora Titular em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e pesquisadora I do CNPq. Professora do quadro permanente da Pós-Graduação em Linguística (POSLING/UFRJ) e do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS/UFRJ). E-mail: ceciliamollica@terra.com.br.
- 2 Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atuou como coorientadora de grupo de pesquisa de iniciação científica, pela UFRJ, no Ensino Médio. Mestre em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora na Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro. E-mail: andreiaquadrio@gmail.com.
- 3 Pós-doutorando em Filologia e Língua Portuguesa: produção e revisão textual na educação básica pela Universidade de São Paulo (USP). Doutor em Tecnologia e Inovação em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: hadinei@gmail.com.

beginning, the learner needs to know that the blanks have a functionality and there is no mutual univocality between speech processing and graphematic system. Alluding to the research of Quadrio (2016), it proves that the HIPO occurs significantly more in subjects of atypical development compared to typical ones. The sample is extracted from school material, exercises and tests, from a municipal school in Petrópolis, in Rio de Janeiro, whose data received qualitative and quantitative treatment. The results show that the difficulties may last for all educational stages if there is not a guided practice. There are several policy proposals to introduce, in the classroom, a new pedagogy that respects the uniqueness of the subjects in the new Inclusive School, based on phonological awareness fundamentally. It is argued that, in the absence of pedagogical guidelines, hardly the obstacles of learners can be solved, which put at risk the contemporary school.

KEYWORDS: *Hyposegmentation, Education, typical and atypical subjects.*

INTRODUÇÃO

O espaço em branco na escrita, devidamente utilizado, é tão importante para marcar os limites entre as palavras quanto complexa sua aprendizagem por parte de novíços em processo de letramento, na fase da construção da escrita. Engana-se quem pensa que as habilidades requeridas para a sua apropriação cessam nas séries iniciais do Ensino Fundamental ou então num estalo se dá a compreensão de que, na relação entre a fala e a escrita, há correspondência necessária. Vários autores que se debruçaram sobre o tema, como Abaurre (1991, p. 6), Cunha (2010, p.7), apenas para citar alguns, demonstraram não haver biunivocidade entre o que se percebe e o que se registra, motivo pelo qual apenas o processamento da língua oral não é suficiente para o entendimento da segmentação das palavras em uma e outra modalidade.

Higounet (2003, p. 14) afirma ser “bastante difícil isolar a palavra falada da frase”. A escrita fonética surge da organização da conexão entre o som e a grafia. Em consonância com Miranda (2013, p.5), “os erros decorrentes da motivação fonética são aqueles em que se observa a tentativa da criança de estabelecer uma relação direta entre sons e grafemas”. É justamente nessa perspectiva que se enquadram as ocorrências de hipossegmentação (doravante HIPO).

O estudo de Quadrio (2016), voltado para o fenômeno da HIPO na ontogênese da escrita, parte de muitas pesquisas a respeito, como as de Cunha (2007), Mollica (2003), Stampa (2009) e Capovilla & Capovilla (2002). Neste artigo, apresentamos o avanço da pesquisa na área na medida em que: (a) examinamos a hipossegmentação na escrita de aprendizes com desenvolvimento típico em comparação com a de sujeitos de desenvolvimento atípico, que convivem atualmente na escola inclusiva; (b) oferecemos estratégias eficazes em atividades docentes que visam sanar dúvidas acerca de HIPO, fenômeno que perpassa vários níveis de formação na lectoescrita.

É sabido que a HIPO emerge no curso da construção da escrita e consiste em fenômeno natural e previsível. Mollica et al (2012) discutem a distinção entre patologias, distúrbios e variações, com a finalidade de salientar a importância de se conhecer o divisor de águas entre os termos, seja na formação, seja na prática do professor, do pedagogo e do fonoaudiólogo. Assim, no que tange ao conhecimento do fenômeno em tela, é fundamental que a análise linguística dos dados esteja aliada à Fonoaudiologia Escolar para confirmar que: (a) nem todo evento deve ser confundido com distúrbio ou patologia de linguagem; (b) registros “estranhos” e inusitados não são exclusivamente produzidos por sujeitos atípicos. Uma discussão mais aprofundada a respeito reaparece em Mollica (2015), em que se assinala a dificuldade de se proceder a diagnósticos relacionados a problemas de aprendizagem sem contar com um corpo especializado de profissionais com bases teóricas sólidas em várias especialidades, mormente na área linguística.

Com efeito, a HIPO não é evidência de alterações neurológicas ou de natureza psicopedagógica, se bem que construções produzidas por alunos, em pesquisa relatada em Mollica (2003, p.17), podem ser assim consideradas. As construções analisadas em Quadrio (2016) são tipicamente caracterizadas como HIPO, tal como a literatura vem tratando, não importa se extraídas de amostras de sujeitos típicos e atípicos. De acordo com Berberian (2003, p.33),

Grupos tonais [...] podem ser utilizados por crianças em processo de aquisição – como critérios de segmentação – ocorrendo produções ortográfica e estruturalmente interpretadas de forma equivocada, como sinais de distúrbios de fluência oral e escrita, de percepção auditiva e visual, de atenção, de memória, de noção espacial, levando ao diagnóstico de distúrbio de leitura e escrita.

Não se contesta que o número de alunos com laudos que registram alguma atipicidade é progressivo na escola pública brasileira. É imprescindível que os profissionais da educação, professores e orientadores pedagógicos entendam que a atipicidade não situa o aluno em um estágio estacionário. Deve-se lançar mão de técnicas, implementadas em sala de aula, que contribuam para o desenvolvimento das habilidades essenciais ao sujeito denominado atípico no processo de apropriação da escrita, auxiliando-o a superar suas possíveis limitações.

Stampa (2009) e Capovilla & Capovilla (2002) apontam que a privação da consciência fonológica, por vezes, pode estar conexas a aspectos cognitivos e, em situações assim, ocasiona demora no processo de alfabetização. Torna-se, portanto, imperioso o trabalho coletivo entre professor, coordenação pedagógica, fonoaudiólogo e neurologista. Para Bortoni (2010), o professor é um agente letrador e a pesquisa tem que ser introduzida no planejamento pedagógico.

ESTUDO DE CASO VOLTADO PARA HIPO NA ESCRITA DE SUJEITOS TÍPICOS E ATÍPICOS

A pesquisa de Quadrio (2016) foi empreendida no segundo segmento do ensino fundamental da escola pública, na Cidade de Petrópolis, região serrana do Estado do Rio de Janeiro. Com uma população diversificada do ponto de vista sociocultural, a escrita dos sujeitos investigados se compõe de várias produções escolares, tais como respostas a exercícios de fixação, de provas para avaliação dos alunos, de textos produzidos como tarefas solicitadas, próprias à rotina da disciplina de língua portuguesa no Fundamental II.

O exame dos dados constatou que há um grupo de alunos que não apresenta um caso sequer de HIPO. Contudo, verifica-se um número importante de aprendentes que ainda revela não ter compreendido bem a segmentabilidade grafemática. O material contém indicadores de ocorrências de HIPO tanto na escrita de sujeitos típicos, quanto na de atípicos. Foram analisadas corpora de sujeitos atípicos com laudos de transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), estudado em Diniz et al (2006) e Szobota et al (2001), por exemplo, de portadores de déficit de aprendizagem (LOU, 2007) e de dislexia (MOUSINHO, ALVES, CAPELLINI, 2015).

As hipóteses postuladas em Quadrio (2016) se verificaram: tanto alunos típicos quanto atípicos realizam algumas ocorrências de HIPO em sua escrita no que concerne ao emprego dos clíticos (BISOL, 2007); é maior a quantidade de emprego de HIPO por alunos atípicos; os sujeitos atípicos realizam a HIPO não somente na formação de palavras prosódicas, mas também em casos além daqueles em que estão presentes os clíticos; de acordo com o avanço do ano de escolaridade, o número de ocorrências tende a diminuir. Damos conta das metas estabelecidas em Quadrio a partir de evidências quantitativas e com base na análise qualitativa de algumas construções encontradas nas amostras constituídas por Quadrio (2016). Note-se que os estudos de Cunha (2010), Abaurre (1991), dentre outros, se voltam para noviços de escrita. Para esses especialistas, o fenômeno da hipossegmentação é esperado nas séries iniciais, seja em crianças ou em adultos em classes de EJA, por exemplo. As pesquisas na área não investigam, porém, outros níveis de letramento, por muito se supor que o fenômeno de HIPO não se faz presente nas séries mais avançadas. Contudo, o fenômeno perpassa todos os níveis escolares até o Ensino Médio, deixando resíduos bem pontuais no Ensino Superior, sendo “porisso” e “derrepente” os casos mais comuns e conhecidos.

O presente artigo oferece recursos novos para lidar com dados residuais em etapas posteriores da escolarização. Assim, conduz a supor que há ainda muito a se investigar sobre o curso do letramento do ponto de vista qualitativo e quantitativo

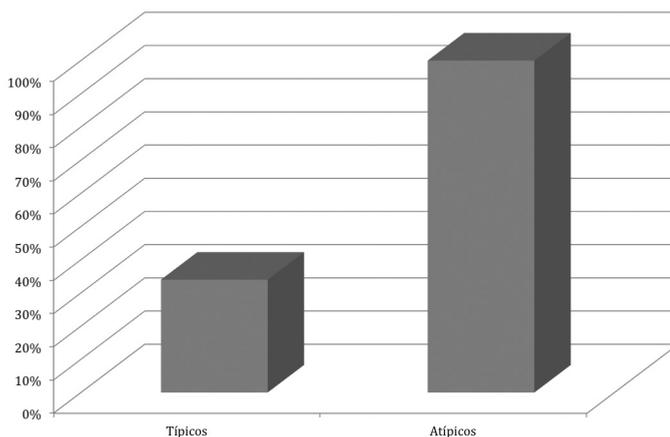
do Fundamental I ao Nível Superior, em programas de EJA e NEJA. Uma hipótese forte vinculada a resquício de HIPO em níveis mais avançados prende-se à operação de gramaticalização da construção “derrepente”, cujos traços de advérbio se enfraquecem em certos contextos. As construções em (a) e (b), extraídas da amostra dos sujeitos da pesquisa de Quadrio, exemplificam a tendência observada de processo de gramaticalização em curso.

- (a) Se você for à festa, de repente eu também vou.
- (b) De repente na reunião todos começaram a brigar.

INDICADORES NUMÉRICOS E ANÁLISE DAS CONSTRUÇÕES.

Resultados gerais apurados em Quadrio (2016) da totalidade dos sujeitos, comparando-os por grupos de alunos segundo o traço de atipicidade, podem ser verificados no gráfico 1.

Gráfico 1 – Percentual de HIPO entre sujeitos típicos e atípicos na segunda etapa do Ensino Fundamental



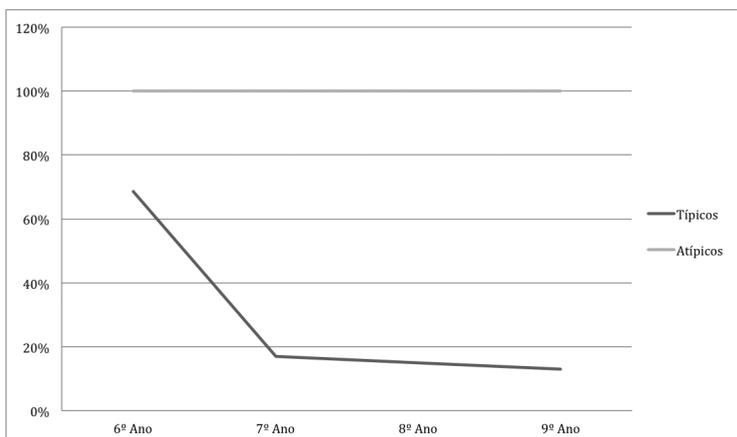
Nota-se um menor percentual de ocorrências de HIPO para sujeitos típicos em contraposição aos índices apurados para sujeitos com desenvolvimento atípico. A diferença é bem significativa entre os dois grupos. O score ainda alto, perto de 40% de HIPO em alunos de desenvolvimento típico, nos conduz a concluir que o letramento nas etapas iniciais da lectoescrita é insuficiente, quando se espera que problemas de ordem de segmentabilidade já estejam sanados ou apresentem resíduo mínimo.

A pesquisa revela aspectos de natureza mais qualitativa, apontando para contextos mais favoráveis à formação de HIPO na escrita dos alunos investigados. Indica assim que o fenômeno não é aleatório. Os casos que constituem palavras prosódicas, o emprego de clíticos, de sintagmas nominais, por exemplo, são ambientes mais favoráveis à emergência de hipossegmentação, quando o aprendiz ainda não entende a função do espaço em branco na escrita.

Merecem destaque os achados da pesquisa de Quadrio (2016): *seuspais* ‘seus pais’, *Arrainha* ‘A rainha’, *osanimais* ‘os animais’, *porcalsa* ‘por causa’, *denovo* ‘de novo’. Além de categorias átonas de pouca extensão, como artigo e preposição, atestam-se construções com pronomes possessivos em ambientes mais peculiares nos atípicos, como em junção de tônicos *sózinha* ‘só tinha’, *simporque* ‘sim porque’, *muitogrande* ‘muito grande’. A análise empreendida destaca também ocorrências muito comuns tanto para típicos como para atípicos, que chegam a perdurar, muitas vezes, no Ensino Médio e, até mesmo, na Graduação, como já mencionamos anteriormente. São os casos de *oque* ‘o que’, *tenque* ‘tem que’, *porisso* ‘por isso’ e *derrepente* ‘de repente’. Valeria replicar a investigação em estágios mais avançados de letramento.

Longitudinalmente, considerando o percurso da escolarização, comprovou-se que o número de ocorrências de HIPO, entre os sujeitos típicos, decresce segundo o avanço da escolarização, tendência natural e intuitivamente esperada. No entanto, tal padrão não se verifica entre os sujeitos atípicos, que continuam a produzir estruturas hipossegmentadas no decorrer das quatro séries do Segundo Segmento do Ensino Fundamental, como demonstram os quantitativos no gráfico 2.

Gráfico 2 – Percentual de HIPO entre sujeitos típicos e atípicos por ano escolar



A ausência de mudança de padrão nos atípicos, no curso da escolarização, torna evidente a carência de desenvolvimento de um trabalho que contribua efetivamente para a construção da escrita segundo os ditames das regras do código silábico alfabético do Português (SCLICAR-CABRAL, 2003). Vale ainda a seguinte reflexão.

A atenção aos alunos com necessidades educacionais especiais e a integração daqueles com deficiência em classes comuns no ensino regular requerem organização diferenciada do ponto de vista pedagógico e administrativo. Trata-se, portanto, de objetivo complexo, desafio para uma pedagogia contemporânea na esfera do Brasil, da América Latina e de todos os países com baixo rendimento. (MOLLIKA, SILVA, BATISTA, 2014, p.3).

O processo de inclusão ocorreu e vem ocorrendo no Brasil sem o avanço de uma metodologia pedagógica que vise a práticas pedagógicas específicas e adequadas à sala de aula inclusiva, de maneira eficaz e eficiente, como projetado pela lei nº 13.146 de 2015. Depara-se, na larga maioria das escolas públicas brasileiras, com alunos portadores de necessidades especiais de aprendizagem matriculados em salas de aula comuns, sujeitos a procedimentos pedagógicos arcaicos e assistidos por docentes inaptos, com formação generalista, sem preparo específico. Para Mollica et al (2014), não basta que um aluno considerado atípico frequente a sala de aula para que se possa dizer que, naquela ambiência, há de fato inclusão escolar. Trata-se de novo paradigma educacional que requer cuidados especiais para que se dê a efetiva implementação da inclusão como política pública.

COLOCANDO A MÃO NA MASSA: ATIVIDADES DE CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA, DE OPERAÇÕES METACOGNITIVAS E EFEITOS ESPERADOS EM COMUNIDADES DE PRÁTICA

No caso da escrita hipossegmentada e de muitos outros problemas de literacia, é imprescindível o desenvolvimento de um trabalho voltado para a consciência fonológica do discente (ÁVILA: CARVALHO: KIKA). Assim é que a terceira onda da sociolinguística, segundo Eckert (2000), requer demanda de trabalho em comunidades de práticas.

Segundo Stampa (2011, p. 9),

Crianças que apresentam dificuldades em processar os estímulos sonoros da fala poderão apresentar dificuldade em segmentar e manipular a estrutura fonológica da linguagem oral e, conseqüentemente, estarão sujeitas a apresentar dificuldades de leitura e escrita.

Queiroz e Pereira (2013) chamam atenção para o fato de como a escola não inclui pedagogia que estimula a consciência fonológica tão atual quanto imprescindível.

O trabalho pautado na consciência fonológica deve reunir atividades cuja meta-principal é a de solucionar ocorrências de HIPO e estimular outras habilidades no nível do fonema, da sílaba, dos sintagmas, sobretudo no caso dos atípicos.

No segundo segmento do Ensino Fundamental, em geral, o discente já adquiriu consciência de que a fala apresenta unidades menores como frases, palavras, sílabas e fonemas, representados por símbolos (SCLiar CABRAL, 2003). No entanto, o aprendiz nem sempre consegue registrar devidamente a separação entre as unidades vocabulares por meio de espaços em branco. Sem trabalho dirigido para os contextos de maior incidência de HIPO, alguns dos quais aqui exemplificados, a tendência é a de permanecer padrões hipossegmentados no curso da escolarização, sob o risco de obstaculizar completamente a meta de se atingir letrados plenos.

Valendo-se da noção de Eckert (2000), de comunidades de práticas, base conceitual da terceira onda dos estudos em variação, o chão da escola e a interação entre seus atores passam a ser o destaque e o foco do trabalho. Nunes da Silva (2015) aplica testes em Português e Matemática com o fito de chegar a diagnósticos mais precisos e de estimar crenças e atitudes dos docentes nas comunidades de práticas. A investigação chega a resultados surpreendentes quanto a um trabalho diretamente voltado para a singularidade dos sujeitos nas classes regulares e nas classes de apoio.

Quadrio (2016) propõe as seguintes atividades embasadas nas propostas de Soares (2003) e Stampa (2011), enfocando especialmente os contextos favoráveis para a emergência de HIPO, levantados e descritos criteriosamente no estudo. O velho/novo ditado torna-se recurso de conscientização de eventos de HIPO, em potencial quando aplicado com intenção clara de se proceder à intervenção dirigida (MOLLICA, 2003).

1. DITADO:

- a) Toda (pausa) criança (pausa) tem (pausa) seus (pausa) direitos.
- b) As (pausa) aves (pausa) voam (pausa) muito (pausa) alto.
- c) As (pausa) luzes (pausa) se (pausa) acenderam (pausa) de (pausa) repente.
- d) As (pausa) pessoas (pausa) não (pausa) saíram (pausa) de (pausa) casa (pausa) por (pausa) causa (pausa) da (pausa) chuva.
- e) Os (pausa) amigos (pausa) de (pausa) Pedro (pausa) não (pausa) foram (pausa) a (pausa) sua (pausa) festa (pausa), por (pausa) isso (pausa) o (pausa) aniversariante (pausa) ficou (pausa) chateado.
- f) O (pausa) povo (pausa) tem (pausa) que (pausa) perder (pausa) a (pausa) mania (pausa) de (pausa) achar (pausa) (pausa) que (pausa) não (pausa) tem (pausa) responsabilidades.
- g) A (pausa) mulher (pausa) ficou (pausa) sem (pausa) se (pausa) mexer (pausa) com (pausa) medo (pausa) da (pausa) cobra.

Descrição da atividade: Seguindo Stampa (2011), o professor deve realizar o ditado de frases batendo palmas a cada marca “(pausa)” para que o aluno possa perceber os momentos em que precisa deixar o espaço em branco entre as palavras. É necessário que o professor explique anteriormente à turma como o exercício deverá ser desenvolvido e, se possível, faça-o oralmente primeiro, evitando dúvidas e interrupções desnecessárias no decorrer da atividade.

Objetivo: Contribuir para a solução das ocorrências de HIPO nos sintagmas nominais, preposicionados e verbais respectivamente. Parte-se do que poderia ser considerado de menor cobrança de conhecimento fonológico e gramatical do aluno para o grau de maior exigência.

Quanto à atividade de ditado, Quadrio (2016) recomenda que o professor repita o processo até o momento em que julgar pertinente realizá-lo sem a marcação das pausas. Sugere, inclusive, que os ditados sejam recolhidos e redistribuídos entre os colegas de classe para que um possa corrigir o do outro. Aconselha também que cada aluno receba de volta o seu exercício para reescrevê-lo, de modo a solucionar as questões ortográficas necessárias. A tarefa de completar vazios propositalmente abertos ativa habilidades metafonológicas, segundo Germano e Capellini (2005). Além de trabalhar a HIPO, o noviço estará exercitando as estruturas sintáticas da língua ao montar textos breves.

2. OBSERVE AS PALAVRAS DOS QUADROS ABAIXO:

irá cidade o bandas

festival da de deixá

lo novo entusiasmado

Agora, preencha os espaços abaixo com essas palavras, formando uma frase dotada de sentido. Marque com um X os espaços entre uma palavra e outra.

Descrição da atividade: O aluno deverá perceber a sequência das palavras de modo a formar uma frase coerente, marcando, ao mesmo tempo, os espaços em branco entre um e outro vocábulo.

Objetivo: Levar o aluno a escrever a frase sem produzir HIPO, através de uma atividade monitorada, com a ajuda dos quadros que determinam a quantidade de palavras e espaços que devem ser utilizados.

O desafio de o aluno completar as quadrículas, com base em indicadores alfa-numéricos, requer inúmeras operações metacognitivas, conforme os estudos reunidos em Mollica e Leal (2010). Observe-se que, à correspondência do alfabeto, se exige a relação de codificação e de composição de vocábulos da língua. Ainda que se ofereça a sentença que deve ser estruturada, o aprendiz é levado a pensar sobre a composição das palavras por recurso de segmentação e recomposição, lidando com grafemas e algarismos (MOLLICA; LEAL, 2012).

3. RESOLVA O CRIPTOGRAMA ABAIXO:

a)

A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y	Z	
				13										19	24											

<u>O</u>	<u>O</u>	<u>E</u>	<u>Ó</u>	<u>E</u>	<u>E</u>	<u>E</u>	<u>N</u>	<u>E</u>	<u>N</u>													
23	24	16	24	21	13	10	7	23	13	2	5	17	13	13	19	26	10	13	19	23	14	10
<u>O</u>	<u>E</u>	<u>E</u>	<u>O</u>					<u>E</u>	<u>O</u>													
24	1	1	13	17	1	2	13	16	24	1												

(Todo herói tem que enfrentar os seus medos.)

b)

A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y	Z
10				16																		14			

<u>A</u>	<u>A</u>	<u>V</u>	<u>E</u>	<u>V</u>	<u>A</u>	<u>A</u>	<u>E</u>	<u>E</u>	<u>E</u>	<u>E</u>										
10	6	10	14	16	6	14	22	10	12	10	20	21	16	12	16	24	16	26	11	16
<u>E</u>					<u>E</u>	<u>Ç</u>	<u>Ã</u>	<u>A</u>												
16	20	21	25	12	16	22	10	22	6	19	17									

(As aves voaram de repente em direção ao sul.)

Descrição da atividade: O aluno precisa completar os espaços em branco de acordo com o código numérico a fim de formar uma frase dotada de sentido e correta sob o ponto de vista da ortografia.

Objetivo: Trabalhar com os alunos os sintagmas mais propensos a ocorrências de HIPO de maneira controlada de acordo com a quantidade de quadrados em branco e espaços marcados.

Inspirada em Chomsky (1965), a proposta 4, de exercitar a competência linguística do falante, é assaz produtiva para a percepção de espaços em branco na escrita. Ao ser levado a montar as sentenças bem formadas no nosso sistema,

pressupõe-se que o aprendiz lance mão de sua competência gramatical e, com certa facilidade, concluirá sobre as regras de combinação sintagmática que desfazem as sequências mal formadas elencadas de (a) a (j). Assim, além dos espaços em branco, são requeridas as habilidades inatas como falante nativo.

4. COLOCAR EM ORDEM AS FRASES DE MODO A FAZEREM SENTIDO.

- a) coroa sua a perdeu rainha a.
- b) viu o cara assassino um.
- c) suspeito uma segurava o faca.
- d) água seus beberam sua pais.
- e) as animais amam crianças os.
- f) caiu menino o berço ontem do.
- g) aprender povo a que o votar tem.
- h) fita usa menina laço a belo de um.
- i) Todos muita tem os água dias que todos beber.
- j) Se é contra prevenir dengue preciso a é.

Descrição da atividade: Nesse exercício, o aluno deverá reescrever a frase proposta, percebendo a melhor maneira de construí-la de modo a deixá-la coerente. Estão sendo trabalhados nesses itens os sintagmas que oferecem uma maior probabilidade de ocorrências de HIPO com base nos dados apurados nesta pesquisa.

Objetivos: Desenvolver a autonomia do aluno através de sua tomada de decisão ao escolher a melhor ordem das palavras de forma menos monitorada que no exercício anterior, uma vez que neste caso não há os espaços demarcados; atenuar as ocorrências de HIPO dentro dos sintagmas mais favoráveis.

A famosa palavra cruzada, proposta na atividade 5, pode exercer útil função para a prática da consciência fonológica. O contraste entre quadriculas em preto e branco justamente corresponde a espaços a serem observados na escrita com vocábulos a registrar. Praticada em todas as idades, ao êxito do jogo subjaz o conhecimento de níveis gramaticais que devem ser marcados, assim como registradas as relações de coordenação e subordinação entre os constituintes no processamento verbal. Nas comunidades de práticas, torna-se assim ressignificada sobremodo.

1. Os amigos *tem que* cuidar uns dos outros.
2. Ele não se ama, *por isso* não consegue namorar ninguém.
3. *O que* você faz para ser feliz?
4. Ninguém sabia *o que* fazer para ser feliz.
5. Sabe quando você está em uma festa e *de repente* não sabe *o que* fazer quando o menino mais bonito do bairro chega?
6. Você *tem que* pensar rápido e por isso acaba falando bobagem.
7. Estava tomando banho e *de repente* a luz acabou.

Os resultados referentes ao efeito da intervenção estão refletidos na tabela I, através do índice de ocorrências de HIPO, por sujeitos típicos e atípicos por turma e em cada frase ditada.

tabela i – ocorrências de hipo por contexto e turma

Frases	Turma 601	Turma 602	Percentual total
	23 alunos	19 alunos	
1.	0	5	11%
2.	2	6	19%
3.	4	4	19%
4.	4	2	14%
5. <i>derepente</i>	17	18	83%
5. <i>oque</i>	3	6	21%
6. <i>tenque / temque</i>	0	4	9%
6. <i>porisso</i>	0	6	14%
7.	16	19	83%

Em relação às percentagens apresentadas relativas ao sexto ano (gráfico 2), observa-se acentuado declínio de ocorrências de HIPO. Não foram encontradas, no ditado, casos de HIPO em sintagmas nominais, verbais e clíticos. É relevante

destacar que, entre as ocorrências, há um aluno da turma 601 e dois estudantes da turma 602 que não participaram das atividades de intervenção pedagógica e apresentaram construções hipossegmentadas em todos os contextos investigados. É incontestável a necessidade de trabalho bem focado e a ser empreendido para se atingir a meta de um letramento bem-sucedido, ainda que exija repetição de práticas como as aqui sugeridas.

Pelosi (2015) propõe recursos inovadores para facilitar a leitura e escrita, especialmente para sujeitos portadores de dislexia, como tempo extra, provas gravadas e audiolivros. Para Pelosi (2015:31), é viável a implementação de “programas de computadores com síntese de voz em Português, predição de palavras, programas que transformam fala em texto e organizadores de ideias.” São as estratégias denominadas sob o rótulo de “Tecnologia Assistida”.

BREVE CONCLUSÃO

Advoga-se a intervenção pedagógica, em sala de aula, como fomento requerido para o desenvolvimento dos alunos típicos e atípicos. No caso específico deste texto, aponta-se a necessidade de uma atenção redobrada quanto aos processos ortográficos no sentido de evitar a permanência de resíduos, como ocorre com a hipossegmentação, no curso da escolarização básica.

Mollica (2007) e estudos como os reunidos em Cotas (2012) fornecem um panorama importante sobre Educação Especial e Inclusão. Em geral, os portadores de algum transtorno são mal compreendidos, estigmatizados, mesmo por profissionais de educação, como alunos malsucedidos e sem futuro. Com frequência, seu processamento verbal constitui tão-somente variação inerente ao português brasileiro (PB) e é confundido como patológico.

Mollica e Silva (2012) desenvolveram estudo sobre letramento de sujeitos típicos e atípicos, de forma a comprovar a delicadeza de cada atipicidade e a lançar orientações importantes para a efetividade do paradigma inclusivo, perfil da Nova Escola. O presente estudo mostra que tais pesquisas não invadiram as salas de aula do ensino regular, lacuna que não deve mais permanecer, sob pena de se perpetuar pedagogia ultrapassada, à margem do processo de ensino-aprendizagem da escola contemporânea.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, M. B. M. *Problemas e perspectivas da alfabetização no Brasil*. In: *Anais do Encontro de Alfabetizadores*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1991.
- ÁVILA, Clara Regina Brandão; CARVALHO, Carolina Alves Ferreira; KIDA, Adriana de Souza Batista. Estimulação da consciência fonológica na prática educacional e na clínica fonoaudiológica. In: MOUSINHO, Renata; ALVES, Luciana Mendonça; CAPELLINI, Simone Aparecida (Orgs.). *Dislexia: novos temas, novas perspectivas*. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2015, pp. 63-71, volume III.
- BERBERIAN, Ana Paula. Princípios norteadores da avaliação clínica fonoaudiológica de crianças portadoras de distúrbios de leitura e escrita. In: BERBERIAN, Ana Paula; MASSI, Giselle de Athayde; GUARINELLO, Ana Cristina (Orgs.). *Linguagem escrita: referenciais para a clínica fonoaudiológica*. São Paulo: Plexus Editora, 2003.
- BISOL, Leda. A palavra fonológica pós-lexical. In: MOLLICA, Maria Cecília; GUIMARÃES, Eduardo Augusto (Orgs.). *A palavra: forma e sentido*. Campinas: Pontes & RG Editores, 2007.
- BOTONI-RICARDO, Stella Maris; MACHADO, Veruska Ribeiro; CASTANHEIRA, Saete Flôres (Orgs.). *Formação do professor como agente letrador*. São Paulo: Contexto, 2010.
- BOTONI-RICARDO, Stella Maris; MACHADO, Veruska Ribeiro (Orgs.). *Os doze trabalhos de Hércules: do oral para o escrito*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- CAPOVILLA, Alessandra Gotuzo Seabra & CAPOVILLA, Feranando Cesar. *Alfabetização: método fônico*. São Paulo: Memnon, 2002.
- COTAS, Fabiane Adela Tonetto (Org.). *Educação, sedução especial e inclusão: fundamentos, contextos e práticas*. Curitiba: Editora Appris, 2012.
- CUNHA, Ana Paula Nobre. *As segmentações não-convencionais da escrita inicial: uma discussão sobre o ritmo linguístico do português brasileiro e europeu*. 2010. 188f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.
- DINIZ, Vera Cleiva Flámia et al. Transtornos de aprendizagem em presença de respiração oral em indivíduos com diagnósticos de transtornos de déficit de atenção/hiperatividade (TDAH). *Revista CEFAC*, v. 8, n. 4, dezembro de 2006, p. 441-455.
- ECKERT, Penelope. *Linguistic Variation as Social Practice*. Oxford: Blackwell, 2000.
- GERMANO, Giseli Donadon; CAPELLINI, Simone Aparecida. Habilidades metafonológicas em escolares com dislexia do desenvolvimento: implicações educacionais. In: MOUSINHO, Renata; ALVES, Luciana Mendonça; CAPELLINI, Simone aparecida (Orgs.). *Dislexia: novos temas, novas perspectivas*. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2015, p. 45-56, volume III.
- HIGOUNET, Charles. *História concisa da escrita*. Trad. Marcos Marcionilo. 10ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- MOLLICA, Maria Cecília. *Fala, letramento e inclusão social*. São Paulo: Editora Contexto, 2007.
- _____. *Da fala coloquial à escrita padrão*. Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2003.

- MOLLICA, Maria Cecília; RIBEIRO, Andressa da Silva; LOURENÇO, Gabrielle Costa de Jesus; SILVA, Raquel Fernandes. *Patologia, distúrbio e variação: como distingui-los?* Apresentação em Jornada PIBIC/UFRJ, 2012.
- MOLLICA, Maria Cecília; LEAL, Marisa Bezerra (Orgs.). *Construindo o capital formal das linguagens*. Curitiba: Editora CRV, 2010.
- MOLLICA, Maria Cecília; LEAL, Marisa Bezerra. Lendo matemática. In: BOTYONI-RICARDO et. al (Orgs.). *Leitura e Mediação Pedagógica*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, p. 181-202.
- MOLLICA, Cecília; LOPES, Natália. Patologia, distúrbio e variação: a difícil tarefa de diagnosticar. In: RESENDE, Briseida Dôgo de; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; PAULA, Fraulein Vidigal de; MODOLO, Marcelo; CAETANO, Sheila Cavalcante (Orgs.). *Linguagem e Cognição – um diálogo interdisciplinar*. Lecce: Pensa Multimedia Editore, 2015, p. 269-275.
- MOLLICA, M. C. M.; SILVA, C. P. G.; BATISTA. Em busca de novo paradigma nas ciências humanas. In: *Revista Interfaces*, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Ano 20, nº 21. Rio de Janeiro: UFRJ/CLA, 2014.
- MOUSINHO, Renata; ALVES, Luciana Mendonça; CAPELLINI, Simone Aparecida (Orgs.). *Dislexia: novos temas, novas perspectivas*. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2015, volumes I, II e III.
- NOAM, Chomsky. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge: The MIT Press, 1965.
- NUNES DA SILVA, Elisane. *O diagnóstico de dislexia e a postura do professor do Ensino Fundamental II*. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado, PROFLETRAS/UFRJ. Mimeo, 116 p.
- OLIVEIRA, Lou. *Distúrbios de aprendizagem e de comportamento*. Rio de Janeiro: Editora WAK, 2007.
- PELOSI, Estratégias e recursos facilitadores para leitura e escrita. In: MOUSINHO, Renata; ALVES, Luciana Mendonça; CAPELLINI, Simone Aparecida (Orgs.). *Dislexia: novos temas, novas perspectivas*. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2015, p. 29-44, volume III.
- QUADRIO, Andreia. *A hipossegmentação no segundo segmento do ensino fundamental – alunos típicos e atípicos*. Rio de Janeiro: Dissertação de mestrado/UFRJ, 2016.
- QUEIROZ, Esmeralda Figueira; PEREIRA, Aline de Souza. Negligência com a consciência fonológica e o princípio alfabético. In: BORTONI-RICARDO, Stella Maris; MACHADO, Veruska Ribeiro (Orgs.). *Os doze trabalhos de Hércules: do oral para o escrito*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013, p. 31-43.
- SCLIAR-CABRAL, Leonor. *Princípios do sistema alfabético do português do Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2003.
- STAMPA, Mariangela. *Aquisição da leitura e da escrita: uma abordagem a partir da consciência fonológica*. Rio de Janeiro: WAK, 2009.
- _____. *Aprendizagem e desenvolvimento das habilidades auditivas*. Entendendo e Praticando. Estimulando a Aprendizagem através das Habilidades Auditivas. Da teoria à prática. Rio de Janeiro: WAK, 2011.

SZOBOTA, Claudia M. et al. Neuroimagem no transtorno de déficit de atenção/hiperatividade. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, v. 23, suplemento 1, São Paulo, maio 2001, p. 32-35.

Recebido em: 05.08.2016

Aceito em 10.01.2017